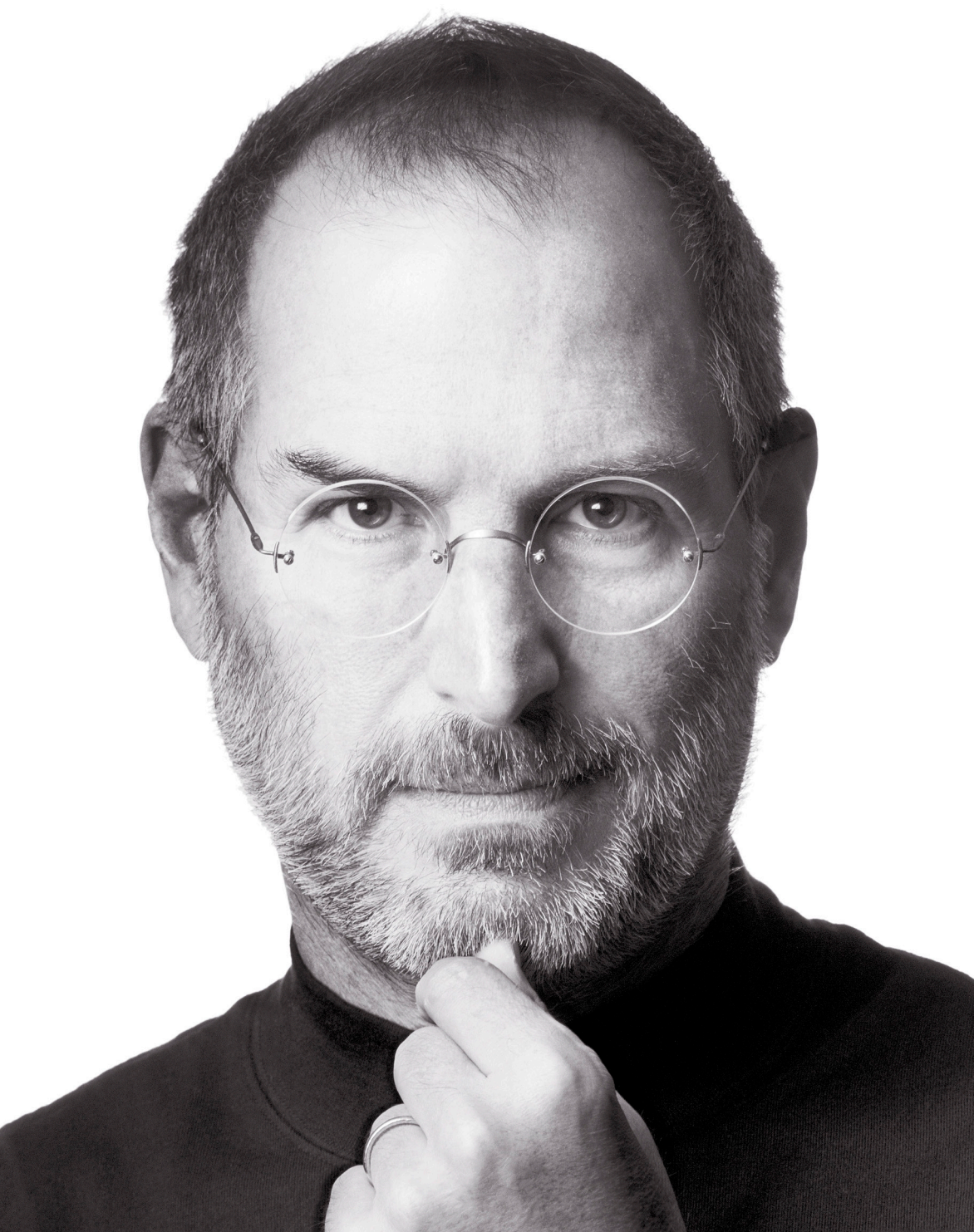


Steve Jobs por Walter Isaacson



STEVE JOBS

WALTER
ISAACSON

TRADUÇÃO DE ROGERIO W. GALINDO



Copyright © 2011 by Walter Isaacson

TÍTULO ORIGINAL

Steve Jobs

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Isabela Sampaio

Theo Araújo

REVISÃO TÉCNICA

Everton Favretto

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGEM DE CAPA

Frente: "Steve Jobs, Cupertino, Calif., 2006." Photo by Albert Watson.

Quarta capa: Norman Seeff

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

I73s

Isaacson, Walter, 1952-

Steve Jobs / Walter Isaacson ; tradução Rogerio W. Galindo. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.

640 p. ; 23 cm.

Tradução de: Steve Jobs

Inclui índice

ISBN 978-65-5560-332-3

1. Jobs, Steve, 1955-2011. 2. Apple Computer, Inc. 3. Computadores - Indústria - História - Estados Unidos. 4. Profissionais de negócios - Biografia - Estados Unidos. I. Galindo, Rogerio W. II. Título.

22-80165

CDD: 926.2139

CDU: 929:004.41



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6ª andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Personagens	11
Introdução. Como este livro surgiu	17
CAPÍTULO UM. Infância	23
CAPÍTULO DOIS. Dupla estranha	43
CAPÍTULO TRÊS. O desistente	53
CAPÍTULO QUATRO. Atari e Índia	64
CAPÍTULO CINCO. O Apple I	77
CAPÍTULO SEIS. O Apple II	92
CAPÍTULO SETE. Chrisann e Lisa	106
CAPÍTULO OITO. Xerox e Lisa	112
CAPÍTULO NOVE. Abrindo o capital	122
CAPÍTULO DEZ. Nasce o Mac	128
CAPÍTULO ONZE. O campo de distorção da realidade	137
CAPÍTULO DOZE. O design	145

CAPÍTULO TREZE. Construindo o Mac	155
CAPÍTULO CATORZE. E surge Sculley	168
CAPÍTULO QUINZE. O lançamento	179
CAPÍTULO DEZESSEIS. Gates e Jobs	191
CAPÍTULO DEZESSETE. Ícaro	200
CAPÍTULO DEZOITO. NeXT	229
CAPÍTULO DEZENOVE. Pixar	255
CAPÍTULO VINTE. Um homem comum	266
CAPÍTULO VINTE E UM. Um homem de família	282
CAPÍTULO VINTE E DOIS. <i>Toy Story</i>	298
CAPÍTULO VINTE E TRÊS. O retorno	307
CAPÍTULO VINTE E QUATRO. A restauração	319
CAPÍTULO VINTE E CINCO. Pense diferente	341
CAPÍTULO VINTE E SEIS. Princípios de design	354
CAPÍTULO VINTE E SETE. O iMac	363
CAPÍTULO VINTE E OITO. CEO	372
CAPÍTULO VINTE E NOVE. As Apple Store	382
CAPÍTULO TRINTA. O hub digital	392
CAPÍTULO TRINTA E UM. A iTunes Store	407
CAPÍTULO TRINTA E DOIS. O homem da música	424
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS. Amigos da Pixar	439
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO. Macs do século XXI	456
CAPÍTULO TRINTA E CINCO. Primeiro round	465
CAPÍTULO TRINTA E SEIS. O iPhone	478

CAPÍTULO TRINTA E SETE. Segundo round	489
CAPÍTULO TRINTA E OITO. O iPad	503
CAPÍTULO TRINTA E NOVE. Novas batalhas	523
CAPÍTULO QUARENTA. Ao infinito	537
CAPÍTULO QUARENTA E UM. Terceiro round	550
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS. Legado	571
Epílogo	583
Agradecimentos	589
Fontes	591
Notas	595
Índice	613
Créditos das imagens	639

“As pessoas que são loucas o suficiente de pensar que
podem mudar o mundo são as que mudam.”

— Comercial “Pense diferente”, da Apple, 1997

PERSONAGENS

AL ALCORN: Engenheiro-chefe da Atari, criou o Pong e contratou Jobs.

GIL AMELIO: Tornou-se CEO da Apple em 1996, comprou a NeXT e trouxe Jobs de volta.

BILL ATKINSON: Um dos primeiros funcionários da Apple, desenvolveu os gráficos para o Macintosh.

CHRISANN BRENNAN: Namorada de Jobs na Homestead High, mãe da filha dele, Lisa.

LISA BRENNAN-JOBS: Filha de Jobs e Chrisann Brennan, nascida em 1978; tornou-se escritora em Nova York.

NOLAN BUSHNELL: Fundador da Atari e modelo de empreendedor para Jobs.

BILL CAMPBELL: Chefe de marketing da Apple durante a primeira passagem de Jobs pela empresa, membro do conselho e confidente após a volta de Jobs em 1997.

EDWIN CATMULL: Cofundador da Pixar e depois executivo da Disney.

KOBUN CHINO: Mestre soto zen na Califórnia que se tornou professor espiritual de Jobs.

LEE CLOW: Mago da publicidade que criou o anúncio “1984”, da Apple, e trabalhou com Jobs por três décadas.

DEBORAH “DEBI” COLEMAN: Primeira gerente de equipe do Mac que assumiu a produção da Apple.

TIM COOK: Diretor-chefe de operações estável e calmo contratado por Jobs em 1998; o substituiu como CEO da Apple em agosto de 2011.

EDDY CUE: Chefe de serviços de internet na Apple, braço direito de Jobs ao lidar com empresas de conteúdo.

ANDREA “ANDY” CUNNINGHAM: Publicitária na empresa Regis McKenna que cuidou da Apple, no início dos anos Macintosh.

MICHAEL EISNER: Obstinado CEO da Disney que fez o acordo com a Pixar e depois entrou em conflito com Jobs.

LARRY ELLISON: CEO da Oracle e amigo pessoal de Jobs.

TONY FADELL: Engenheiro punk contratado pela Apple em 2001 para desenvolver o iPod.

SCOTT FORSTALL: Chefe do desenvolvimento de software móvel da Apple.

ROBERT FRIEDLAND: Estudante na Reed, proprietário de uma comuna agrícola de maçã e guia espiritual que influenciou Jobs, virou administrador de uma empresa de mineração.

JEAN-LOUIS GASSÉE: Gerente da Apple na França, assumiu a divisão Macintosh quando Jobs foi expulso em 1985.

BILL GATES: O outro prodígio da informática nascido em 1955.

ANDY HERTZFELD: Engenheiro de software brincalhão, amigável e amigo de Jobs na equipe original do Mac.

JOANNA HOFFMAN: Membro da equipe original do Mac que confrontava Jobs.

ELIZABETH HOLMES: Namorada de Daniel Kottke na Reed e uma das primeiras funcionárias da Apple.

ROD HOLT: Marxista e fumante inveterado contratado por Jobs em 1976 para ser engenheiro elétrico no Apple II.

ROBERT IGER: Sucedeu Eisner como CEO da Disney em 2005.

JONATHAN “JONY” IVE: Ex-chefe de design da Apple, tornou-se parceiro de Jobs e confidente. Atualmente, presta consultoria.

ABDULFATTAH “JOHN” JANDALI: Estudante de graduação no Wisconsin nascido na Síria, pai biológico de Jobs e Mona Simpson, depois gerente de alimentos e bebidas no cassino de Boomtown, perto de Reno.

CLARA HAGOPIAN JOBS: Filha de imigrantes armênios, casada com Paul Jobs em 1946 — eles adotaram Steve logo após seu nascimento, em 1955.

ERIN JOBS: Filha do meio de Steve Jobs e Laurene Powell.

EVE JOBS: Filha caçula de Steve Jobs e Laurene Powell.

PATTY JOBS: Adotada por Paul e Clara Jobs dois anos depois de eles adotarem Steve.

PAUL REINHOLD JOBS: Marinheiro da Guarda Costeira nascido no Wisconsin que, com sua esposa, Clara, adotou Steve em 1955.

REED JOBS: Filho mais velho de Steve Jobs e Laurene Powell.

RON JOHNSON: Contratado por Jobs em 2000 para desenvolver as lojas da Apple.

JEFFREY KATZENBERG: Chefe dos estúdios Disney, entrou em conflito com Eisner e pediu demissão em 1994 para cofundar a DreamWorks SKG.

ALAN KAY: Pioneiro do computador criativo e pitoresco que previu os primeiros computadores pessoais, ajudou a organizar a visita de Jobs ao Xerox PARC e a compra da Pixar.

DANIEL KOTTKE: Amigo mais próximo de Jobs na Reed, peregrinou com ele para a Índia e é um dos primeiros funcionários da Apple.

JOHN LASSETER: Cofundador e força criativa da Pixar.

DAN’L LEWIN: Executivo de marketing com Jobs na Apple e depois na NeXT.

MIKE MARKKULA: Primeiro grande investidor da Apple e seu presidente, uma figura paterna para Jobs.

REGIS MCKENNA: Mago da publicidade que guiou Jobs no início e permaneceu um conselheiro de confiança.

MIKE MURRAY: Primeiro diretor de marketing do Macintosh.

PAUL OTELLINI: CEO da Intel que ajudou a mudar o Macintosh para processadores Intel, mas não conseguiu o negócio com o iPhone.

LAURENE POWELL: Formanda da Penn, experiente e bem-humorada, foi para Goldman Sachs e para a Stanford Business School, casou-se com Steve Jobs em 1991.

GEORGE RILEY: Amigo e advogado de Jobs nascido em Memphis.

ARTHUR ROCK: Lendário investidor de tecnologia, um dos primeiros membros do conselho da Apple, figura paterna de Jobs.

JONATHAN “RUBY” RUBINSTEIN: Trabalhou com Jobs na NeXT, tornou-se engenheiro-chefe de hardware da Apple em 1997.

MIKE SCOTT: Trazido por Markkula para ser presidente da Apple em 1977 e tentar gerenciar Jobs.

JOHN SCULLEY: Executivo da Pepsi recrutado por Jobs em 1983 para ser CEO da Apple, rompeu com Jobs e foi expulso por ele em 1985.

JOANNE SCHIEBLE JANDALI SIMPSON: Nascida no Wisconsin, mãe biológica de Steve Jobs, que colocou para adoção, e Mona Simpson, que ela criou.

MONA SIMPSON: Irmã biológica de Jobs. Eles descobriram o parentesco em 1986 e se tornaram próximos. Ela escreveu romances vagamente baseados em sua mãe, Joanne (*Anywhere But Here*), Jobs e sua filha Lisa (*A Regular Guy*) e seu pai, Abdulfattah Jandali (*The Lost Father*).

ALVY RAY SMITH: Cofundador da Pixar que rompeu com Jobs.

BURRELL SMITH: Brillhante e complicado designer de hardware na equipe original do Mac, diagnosticado com esquizofrenia em 1990.

AVADIS “AVIE” TEVANIAN: Trabalhou com Jobs e Rubinstein na NeXT, tornou-se engenheiro-chefe de software na Apple em 1997.

JAMES VINCENT: Britânico amante de música, sócio mais jovem de Lee Clow e Duncan Milner na agência de propaganda que a Apple contratou.

RON WAYNE: Conheceu Jobs na Atari, tornou-se o primeiro sócio de Jobs e Wozniak no início da Apple, mas imprudentemente abriu mão de sua participação acionária.

STEPHEN WOZNIAK: A estrela nerd da eletrônica na Homestead High. Jobs descobriu como apresentar e divulgar as incríveis placas de circuitos de Wozniak e se tornou sócio na fundação da Apple.

DEL YOCAM: Um dos primeiros funcionários da Apple que se tornou gerente-geral do Grupo Apple II e depois chefe de operações da Apple.

Como este livro surgiu

No início do verão de 2004, recebi uma ligação de Steve Jobs. Ele fora amigável comigo ao longo dos anos, em alguns momentos com mais intensidade, especialmente quando estava lançando um novo produto que queria na capa da *Time* ou em um programa da CNN, locais onde trabalhei. Mas, como eu não estava em nenhum desses lugares, não andava tendo muitas notícias dele. Falamos um pouco sobre o Instituto Aspen, para o qual eu recentemente havia entrado, e o convidei para dar uma palestra em nosso *campus* de verão no Colorado. Ele adoraria ir, disse, mas não para estar no palco. Queria, em vez disso, fazer uma caminhada para que pudéssemos conversar.

Aquilo pareceu um pouco estranho. Não sabia ainda que fazer longas caminhadas era sua maneira preferida de ter uma conversa séria. Ele queria que eu escrevesse uma biografia dele. Eu havia escrito a biografia de Benjamin Franklin e estava trabalhando em outra, sobre Albert Einstein, e minha reação inicial foi ponderar, meio brincando, se ele se via como o sucessor natural dessa sequência. Supondo que ele ainda estivesse no meio de uma carreira oscilante, que ainda teria muitos altos e baixos, objetei. Agora não é o momento, argumentei. Talvez em uma década ou duas, quando você se aposentar.

Eu o conhecia desde 1984, quando ele foi a Manhattan para almoçar com os editores da *Time* e exaltar seu novo Macintosh. Ele era petulante já naquela época, atacando um correspondente da revista por ter escrito uma matéria reveladora demais. Mas, conversando com ele depois, me vi

conquistado, como muitos outros no decorrer dos anos, por sua intensidade envolvente. Continuamos em contato, mesmo depois que ele foi expulso da Apple. Quando tinha algo para lançar, tal como um computador da NeXT ou um filme da Pixar, o raio laser de seu charme de repente se concentrava em mim, e ele me levava a um restaurante de sushi em Lower Manhattan para me contar que estava divulgando a melhor coisa que já havia produzido. Eu gostava dele.

Quando foi reconduzido ao trono da Apple, nós o colocamos na capa da *Time*, e logo em seguida ele começou a oferecer ideias para uma série nossa sobre as pessoas mais influentes do século. Ele tinha lançado sua campanha “Pense diferente”, apresentando as fotos icônicas de algumas delas, e achou fascinante o trabalho de avaliar a influência histórica.

Depois que rejeitei a sugestão de escrever uma biografia dele, recebia notícias suas de vez em quando. Uma vez, mandei um e-mail para perguntar se era verdade, segundo o que minha filha tinha me dito, que o logo da Apple era uma homenagem a Alan Turing, o britânico pioneiro da computação que quebrou os códigos de guerra alemães e então se matou comendo uma maçã com cianeto. Ele respondeu que gostaria de ter pensado nisso, mas que não era verdade. Isso deu início a uma conversa sobre a história da Apple, e me vi colecionando informações sobre a história inicial da empresa, apenas para o caso de decidir escrever tal livro. Quando minha biografia de Einstein foi publicada, ele foi a um evento do livro em Palo Alto e me puxou para o canto a fim de sugerir, de novo, que seria um bom tema.

Sua persistência me deixou perplexo. Ele era conhecido por proteger a própria privacidade, e eu não acreditava que ele já tivesse lido algum livro meu. Talvez um dia, respondi. Mas, em 2009, sua esposa, Laurene Powell, me disse sem rodeios: “Se for escrever um livro sobre Steve, é melhor que seja agora.” Ele tinha tirado sua segunda licença médica. Confessei a ela que, quando ele mencionara a ideia pela primeira vez, eu não sabia que ele estava doente. Quase ninguém sabia, ela respondeu. Ele me ligou pouco antes de ser operado por causa do câncer e ainda estava mantendo segredo, explicou.

Decidi, então, que escreveria a biografia dele. Jobs me surpreendeu, prontamente reconhecendo que não teria controle sobre o livro nem o direito de vê-lo antes dos outros. “É o seu livro”, disse ele. “Não vou nem ler.”

Mais tarde naquele outono, porém, ele parecia ter repensado sobre cooperar e, apesar de eu não saber, teve mais complicações devido ao câncer. Ele parou de retornar minhas ligações e coloquei o projeto de lado por um tempo.

Então, inesperadamente, ele me ligou no fim da tarde da véspera do Ano-Novo de 2009. Estava em sua casa, em Palo Alto, com a irmã, a escritora Mona Simpson. Sua esposa e seus três filhos fizeram uma viagem rápida para esquiar, mas ele não se sentia bem o suficiente para acompanhá-los. Seu humor estava reflexivo, e conversamos por mais de uma hora. Ele começou por contar que aos doze anos queria construir um contador de frequência. Conseguiu localizar Bill Hewlett, o fundador da HP, na lista telefônica e ligou para obter as peças. Jobs disse que os últimos doze anos de sua vida, desde sua volta à Apple, foram os mais produtivos em termos de criar produtos. Mas seu objetivo mais importante, disse, era fazer o que Hewlett e seu amigo David Packard fizeram: criar uma empresa que estava tão imbuída de criatividade inovadora que sobreviveria a eles.

“Sempre pensei em mim mesmo como uma pessoa das humanidades quando era criança, mas gostava de eletrônica”, contou. “Então li algo que um de meus heróis, Edwin Land, da Polaroid, disse sobre a importância das pessoas que ficavam na interseção das humanidades e das ciências, e decidi que era o que queria fazer.” Era como se ele estivesse sugerindo temas para sua biografia (e nesse caso, pelo menos, o tema acabou sendo válido). A criatividade que pode surgir quando se combinam humanidades e ciências em uma personalidade forte era o tópico que mais me interessava nas minhas biografias sobre Franklin e Einstein, e acredito que isso será a chave na criação de economias inovadoras no século XXI.

Perguntei a Jobs por que ele queria que eu escrevesse sua biografia. “Acho que você é bom em fazer as pessoas falarem”, respondeu. Esta era uma resposta inesperada. Sabia que teria que entrevistar muitas pessoas que ele demitiu, de quem abusou, que abandonou ou enfureceu de alguma forma, e temia que ele não ficaria confortável se eu as fizesse falar. E ele de fato se tornou arisco quando soube de algumas das pessoas entrevistadas. Mas, depois de alguns meses, começou a encorajar que falassem comigo, até mesmo inimigos e ex-namoradas. Nem tentou deixar nada fora dos limites. “Fiz muita coisa das quais não me orgulho, como engravidar minha namorada quando tinha 23 anos e a maneira como lidei com isso”, disse. “Mas não tenho nenhum esqueleto no meu armário que

não possa ser exposto.” Não tentou controlar o que eu escrevia nem pediu para ler antes da publicação. Seu único envolvimento aconteceu quando meu editor estava escolhendo a arte da capa. Quando ele viu uma das primeiras propostas, odiou tanto que pediu para participar do design de outra proposta. Fiquei animado e disposto — e aceitei.

Tive mais de quarenta entrevistas e conversas com ele. Algumas foram formais, em sua sala em Palo Alto, outras foram feitas durante longas caminhadas, passeios de carro e ligações telefônicas. Durante meus dois anos de visitas, ele se tornou cada vez mais íntimo e revelador — e pude testemunhar, inclusive, o que seus antigos colegas na Apple costumavam chamar de “campo de distorção da realidade”. Algumas vezes era apenas uma falha inadvertida de células de memória que acontece com todos nós; em outras, ele distorcia a realidade tanto para mim quanto para si próprio. Para conferir e dar corpo à história dele, entrevistei mais de uma centena de amigos, familiares, concorrentes, adversários e colegas.

Sua esposa também não exigiu nenhuma restrição ou controle, nem pediu para ver antes o que seria publicado. De fato, ela me encorajou a ser honesto sobre os defeitos de Jobs assim como sobre seus pontos fortes. Ela é uma das pessoas mais inteligentes e realistas que conheci. “Há partes da vida e da personalidade dele que são extremamente confusas, e esta é a verdade”, disse para mim logo no início. “Não tente camuflar. Ele é bom em distorcer, mas também tem uma história memorável, e eu gostaria de vê-la ser contada com sinceridade.”

Deixo para o leitor avaliar se fui bem-sucedido nesta missão. Tenho certeza de que há personagens neste drama que se lembrarão de alguns eventos de forma diferente ou pensarão que às vezes fiquei preso no campo de distorção de Jobs. Como aconteceu quando escrevi um livro sobre Henry Kissinger, que de alguma maneira foi uma boa preparação para este projeto, encontrei pessoas que tinham emoções positivas e negativas tão fortes sobre Jobs que o efeito Rashomon era evidente. Mas fiz o melhor que pude para equilibrar relatos conflitantes com justiça e ser transparente sobre as fontes que usei.

Este é um livro sobre uma vida de altos e baixos e a personalidade intensa de um empreendedor criativo cuja paixão por perfeição e energia feroz revolucionaram seis indústrias: a de computadores pessoais, a de filmes de animação, a da música, a da telefonia celular, a da computação

em tablet e a da publicação digital. É possível até acrescentar uma sétima — a de lojas de varejo —, que Jobs não exatamente revolucionou, mas reimaginou. Além disso, ele abriu caminho para um novo mercado de conteúdo digital baseado em aplicativos em vez de apenas websites. Ao longo do percurso, o resultado não foram apenas produtos transformadores, mas também, de quebra, uma empresa duradoura, imbuída do DNA de Jobs — ou seja, cheia de designers criativos e engenheiros aventureiros que podem prosseguir com sua visão. Em agosto de 2011, pouco antes de deixar o cargo de CEO, o empreendimento que ele começou na garagem de seus pais havia se tornado a empresa mais valiosa do mundo.

Isto é também, espero, um livro sobre inovação. Em uma época na qual os Estados Unidos estão procurando maneiras de sustentar sua veia inovadora, e quando as sociedades em todo o mundo estão tentando criar economias criativas na era digital, Jobs permanece como o ícone definitivo de inventividade, imaginação e inovação sustentável. Ele sabia que a melhor maneira de criar valor no século XXI era conectar criatividade com tecnologia, então construiu uma empresa em que saltos imaginativos eram combinados com realizações inacreditáveis de engenharia. Ele e seus colegas na Apple eram capazes de pensar diferente: desenvolveram não apenas modestos avanços em produtos baseados em grupos, mas também novos dispositivos e serviços dos quais os consumidores nem sabiam ainda que precisavam.

Ele não era um modelo de chefe ou ser humano, arrumadinho na embalagem para emulação. Com sua obstinação diabólica, podia levar as pessoas em torno dele à fúria e ao desespero. Mas sua personalidade, suas paixões e seus produtos eram todos inter-relacionados, assim como o hardware e o software da Apple tendem a ser, como se fossem parte de um sistema integrado. Sua história é, portanto, tanto instrutiva quanto preventiva, cheia de lições sobre inovação, personalidade, liderança e valores.

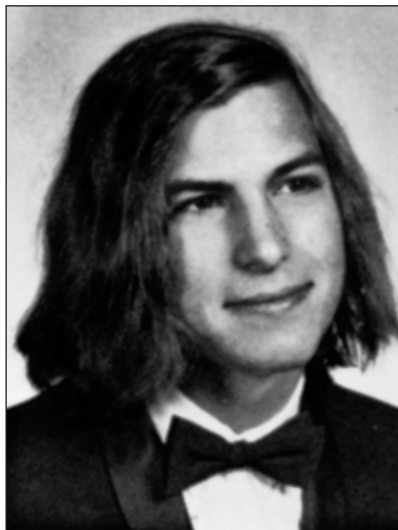
Henrique V, de Shakespeare — a história de um príncipe imaturo e obstinado que se torna um rei apaixonado e sensível, duro e sentimental, inspirador e falho —, começa com a exortação “*O for a Muse of fire, that would ascend/ The brightest heaven of invention*”. Para Steve Jobs, a ascensão ao paraíso mais brilhante da invenção começa com o caso dos dois casais de pais e de crescer em um vale que estava aprendendo a transformar silício em ouro.



Paul Jobs com Steve, 1956.



A casa em Los Altos com a garagem onde a Apple nasceu.



No anuário da Homestead High, 1972.



Com a placa “trabalho de cotonete” em uma brincadeira na escola.

capítulo um

Infância

Abandonado e escolhido

A ADOÇÃO¹

Quando Paul Jobs foi dispensado da Guarda Costeira depois da Segunda Guerra Mundial, fez uma aposta com seus companheiros de tripulação. Eles haviam chegado a São Francisco, onde seu navio foi descomissionado, e Paul apostou que acharia uma esposa em duas semanas. Ele era um mecânico de motor alto, tatuado, com um metro e oitenta e certa semelhança com James Dean. Mas não foi sua beleza que o fez conseguir um encontro com Clara Hagopian, uma mulher bem-humorada, filha de imigrantes armênios. Era o fato de ele e seus amigos terem um carro, diferentemente do grupo com quem ela havia planejado sair naquela noite. Dez dias depois, em março de 1946, Paul ficou noivo de Clara e ganhou a aposta. Acabou sendo um casamento feliz, que durou até que a morte os separasse, mais de quarenta anos depois.

Paul Reinhold Jobs foi criado em uma fazenda de gado leiteiro em Germantown, Wisconsin. Apesar de seu pai ser alcoólatra e às vezes abusivo, Paul tinha uma personalidade gentil e calma por baixo da carcaça dura. Depois de desistir da escola no ensino médio, vagou pelo Meio-Oeste aceitando trabalhos como mecânico até que, aos 19 anos, juntou-se à Guarda Costeira, mesmo não sabendo nadar. Ele foi designado para o *USS General M. C. Meigs* e passou boa parte da guerra transportando tropas até a Itália para o general Patton. Seu talento

como mecânico e bombeiro fez com que ganhasse recomendações, mas ele se viu envolvido em pequenos problemas e nunca passou da patente de marinheiro.

Clara nasceu em Nova Jersey, onde seus pais haviam se estabelecido depois de fugir dos turcos na Armênia, e depois se mudaram para o Mission District, em São Francisco, quando ela era ainda criança. Ela guardava um segredo que quase nunca compartilhava: havia sido casada antes, mas o marido foi morto na guerra. Então, quando conheceu Paul Jobs, estava pronta para começar uma nova vida.

Como muitos dos que viveram durante a guerra, eles experimentaram emoções suficientes e desejavam se acomodar, criar uma família e viver uma vida tranquila. Tinham pouco dinheiro, então se mudaram para o Wisconsin e viveram com os pais de Paul por alguns anos; depois foram para Indiana, onde ele conseguiu um emprego como mecânico na International Harvester. Sua paixão era mexer com carros antigos, e ganhou dinheiro em seu tempo livre comprando-os, restaurando-os e vendendo-os. No fim das contas, pediu demissão para se tornar vendedor de carros usados em tempo integral.

Clara, no entanto, amava São Francisco, e em 1952 convenceu o marido a voltar para lá. Eles conseguiram um apartamento no Sunset District de frente para o Pacífico, logo ao sul do Golden Gate Park, e ele arrumou um emprego em uma financeira como “repo man”, arrombando as fechaduras de carros cujos donos não haviam pagado seus empréstimos e os retomando. Ele também comprava, consertava e vendia alguns dos carros, ganhando um bom dinheiro no processo.

Algo faltava na vida deles, no entanto. Eles queriam filhos, mas Clara havia sofrido uma gravidez ectópica, na qual o óvulo fertilizado se implanta na tuba uterina em vez de no útero, e ela não podia engravidar. Então, em 1955, depois de nove anos de casamento, eles procuraram uma criança para adotar.

Como Paul Jobs, Joanne Schieble era de uma família rural do Wisconsin de ascendência alemã. Seu pai, Arthur Schieble, emigrou para os arredores de Green Bay, onde ele e a esposa tinham uma fazenda de vison e foram bem-sucedidos em vários outros negócios, incluindo imóveis e fotogravura. Ele era muito rígido, especialmente no que dizia respeito aos

relacionamentos da filha, e havia rejeitado o primeiro amor dela, um artista não católico. Portanto, não foi surpresa quando ele ameaçou romper laços com Joanne por ela, ainda estudante de graduação na Universidade de Wisconsin, ter se apaixonado por Abdulfattah “John” Jandali, um professor-assistente muçulmano da Síria.

Jandali era o caçula de nove crianças de uma família síria proeminente. O pai tinha refinarias de petróleo e vários outros negócios, juntamente com grandes propriedades em Damasco e Homs, e durante um período basicamente controlava o preço do trigo na região. A mãe, depois contara Jandali, era uma “mulher muçulmana tradicional”, uma “esposa conservadora, obediente”. Como a família Schieble, os Jandali davam muita importância à educação. Abdulfattah foi enviado para uma escola interna jesuíta, apesar de ser muçulmano, e conseguiu se graduar na Universidade Americana em Beirute antes de entrar na Universidade de Wisconsin para fazer doutorado em ciência política.

No verão de 1954, Joanne foi com Abdulfattah para a Síria. Eles passaram dois meses em Homs, onde ela aprendeu com a família dele a fazer pratos sírios. Quando voltaram ao Wisconsin, ela descobriu que estava grávida. Ambos tinham 23 anos, mas decidiram não se casar. O pai dela estava morrendo na época, e ameaçara renegá-la caso ela se casasse com Abdulfattah. E o aborto não era uma opção fácil em uma pequena comunidade católica. Então, no início de 1955, Joanne viajou para São Francisco, onde foi colocada sob os cuidados de um gentil médico que abrigava mães solteiras, realizava seus partos e discretamente organizava adoções fechadas.

Joanne tinha uma exigência: seu filho deveria ser adotado por pessoas com diploma universitário. Então, o médico combinou que o bebê seria adotado por um advogado e sua esposa. Mas, quando um menino nasceu — em 24 de fevereiro de 1955 —, o casal designado decidiu que queria uma menina e desistiu. Portanto, foi assim que o menino se tornou filho não de um advogado, mas de um homem que não havia concluído o ensino médio apaixonado por mecânica e de sua esposa honesta que estava trabalhando como escriturária. Paul e Clara deram o nome de Steven Paul Jobs ao bebê.

Quando Joanne descobriu que seu bebê fora adotado por um casal que não terminara o ensino médio, se recusou a assinar os papéis da adoção.

O impasse durou semanas, mesmo depois de o bebê estar acomodado na casa dos Jobs. Joanne cedeu, com a condição de que o casal promettesse — de fato assinassem um compromisso — criar uma poupança para pagar pela educação universitária do menino.

Havia outra razão para Joanne teimar em não assinar os papéis da adoção: seu pai estava prestes a morrer, e ela planejava se casar com Jandali logo depois. Ela tinha esperança de que, segundo contou a familiares — algumas vezes chorando ao lembrar —, uma vez que estivessem casados, pudesse ter o filho de volta.

Arthur Schieble morreu em agosto de 1955, depois de a adoção ter sido finalizada. Logo após o Natal daquele ano, Joanne e Abdulfattah se casaram em St. Philip, a igreja católica apostólica em Green Bay. Ele conseguiu seu doutorado em política internacional no ano seguinte, e o casal teve outro filho, uma menina chamada Mona. Depois que se divorciaram, em 1962, Joanne embarcou em uma vida sonhadora e peripatética que sua filha, a qual se tornou a aclamada romancista Mona Simpson, iria capturar em seu livro *Anywhere But Here*. Como a adoção de Steve fora fechada, seriam necessários vinte anos antes que eles pudessem se encontrar.

Steve Jobs soube desde cedo que era adotado. “Meus pais eram muito sinceros”, lembrou. Ele tinha a nítida lembrança de se sentar no gramado de casa quando tinha 6 ou 7 anos e contar isso para a menina que vivia do outro lado da rua. “Isso quer dizer que seus verdadeiros pais não queriam você?”, perguntou a menina. “Isso me fez pensar”, me disse Jobs. “Me lembro de correr para casa, chorando. E meus pais disseram: ‘Não, você precisa entender.’ Eles estavam muito sérios e me olharam nos olhos. Disseram: ‘Nós escolhemos você.’ Ambos disseram isso, mais de uma vez. E deram ênfase a cada palavra naquela frase.”

Abandonado. Escolhido. Especial. Esses conceitos se tornaram parte de quem Jobs era e como ele se via. Seus amigos mais próximos acham que saber que foi abandonado ao nascer deixou algumas cicatrizes. “Acho que seu desejo por controle total sobre o que quer que faça deriva de sua personalidade e do fato de ter sido abandonado ao nascer”, disse um colega de muitos anos, Del Yocam. “Ele quer controlar seu ambiente, e vê o produto como uma extensão dele mesmo.” Greg Calhoun, que se tornou próximo de Jobs logo depois da universidade, viu outro efeito. “Steve falava muito

comigo sobre ser abandonado e a dor que isso causava”, disse. “Isso o tornou independente. Ele seguia outro ritmo, por estar num mundo diferente do qual havia nascido.”

Mais tarde, quando tinha a mesma idade de seu pai biológico quando este o abandonou, Jobs teria uma filha e a abandonaria. (Ele acabou se responsabilizando por ela depois.) Chrisann Brennan, a mãe da menina, disse que ser posto para adoção deixou Jobs “cheio de cacos de vidro”, e que isso ajuda a explicar parte do comportamento dele. “Aquele que é abandonado é um abandonador”, afirmou. Andy Hertzfeld, que trabalhou com Jobs na Apple no início dos anos 1980, está entre os poucos que permaneceram próximos de Brennan e Jobs. “A pergunta principal sobre Steve é por que ele não consegue se impedir, às vezes, de ser reflexivamente cruel e prejudicial para algumas pessoas”, disse. “Isso é por ter sido abandonado ao nascer. O problema subjacente era o tema do abandono na vida de Steve.”

Jobs descartou essa hipótese. “Há uma ideia de que, por ter sido abandonado, trabalhei duro para poder me dar bem e fazer meus pais desejarem me ter de volta, ou algo idiota assim, mas a ideia é ridícula”, insistiu. “Saber que eu era adotado pode ter me feito mais independente, mas nunca me senti abandonado. Sempre me senti especial. Meus pais fizeram eu me sentir especial.” Mais tarde, ele se irritaria sempre que alguém se referisse a Paul e Clara como seus pais “adotivos” ou deixasse implícito que eles não eram seus pais “verdadeiros”. “Eles eram meus pais 1.000%.” Quando falava sobre os pais biológicos, por outro lado, era seco: “Eles foram mais um banco de esperma e óvulo. Isso não é duro, é apenas a verdade... Um banco de esperma e nada mais.”

Baseando-se em mais de quarenta entrevistas realizadas com Steve Jobs ao longo de dois anos — e em várias outras feitas com mais de cem familiares, amigos, adversários, concorrentes e colegas de trabalho —, Walter Isaacson apresenta nesta biografia a fascinante trajetória de um ícone. Intenso, de personalidade forte e apaixonado por perfeição, Jobs viveu altos e baixos e revolucionou seis indústrias: a de computadores pessoais, a de filmes de animação, a da música, a da telefonia celular, a da computação em tablet e a da publicação digital. Não à toa, cerca de dez anos após sua morte ele continua sendo o representante máximo da inventividade e da imaginação aplicada.

Embora tenha cooperado com o autor de sua biografia, Jobs não tentou controlar o conteúdo destas páginas — deu apenas alguns pitacos na capa, segundo Isaacson. Não houve assunto proibido. O empresário, inclusive, incentivou aqueles que conhecia a falarem sobre ele com sinceridade. E ele, por sua vez, foi franco, muitas vezes brutal, ao mencionar as pessoas com quem trabalhou e os concorrentes. Assim, seus amigos, colegas e inimigos oferecem uma visão nua e crua das paixões, do perfeccionismo, das obsessões, do talento artístico, das crueldades e da compulsão por controle que moldaram o jeito de Jobs de fazer negócios e os produtos inovadores que criou.

A história de vida de Steve Jobs, como nos mostra este livro que o revela em essência, ensina diversas lições sobre inovação, caráter, prudência, liderança e valores.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1226/>